



A Caridade entre os horrores da guerra

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 224

Braga, 13 de Outubro de 1917

Anno V

CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA "ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,"

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Províncias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 réis.
Pelo correlo, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»
BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

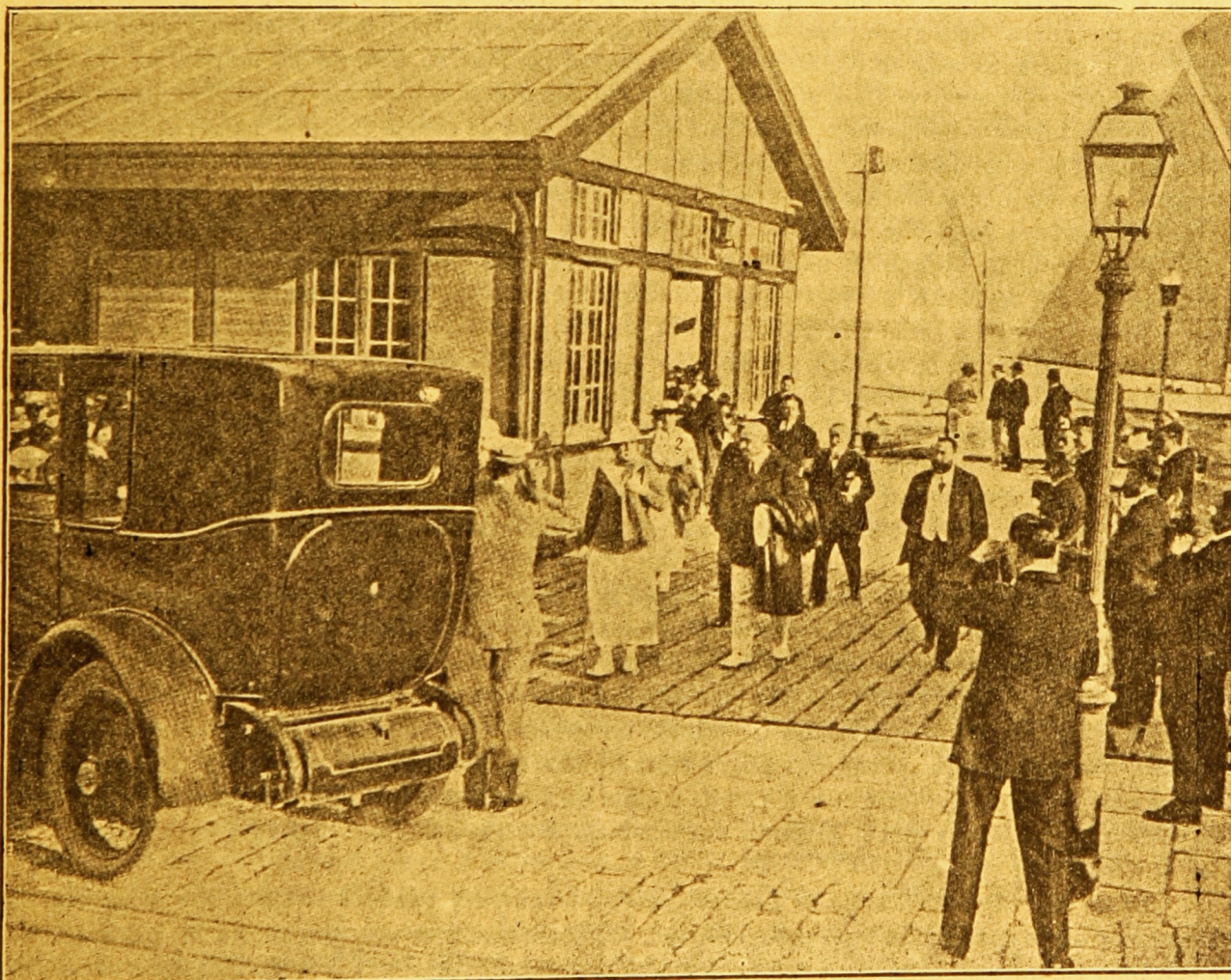
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 13 de Outubro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 224—Anno V



Villegiatura real.—D. Victoria de Hespanha em S. Sebastian

CHRONICA DA SEMANA

A' margem d'um livro



OS lazéres dos meus serviços li até hontem o livro que sob o titulo *Documentos para a historia da guerra europeia*, Basilio Telles acaba de atirar, como um punhado de luz, ao obscurecimento intellectual da mór parte do publico lousitanperante a guerra. Do muito que relativamente tenho lido sobre o revolto conflictivo dos collossos este é talvez o livro que mais impressão me causou, e tenho por impossivel que em face dos relatorios diplomaticos dos ministros e *charges d'affaires* belgas em Londres, e Paris e Berlim uma intelligencia equilibrada, conclúa differentemente de Basilio Telles: «se a innocencia da Belgica refulge na entrevista do barão Beyens, sem que a mais léve sombra a embacie, está um pouco longe de refulgir com igual pureza nos 119 relatorios d'este livro, a da Inglaterra, França e Russia no desencadeamento da terrivel tempestade de qu'estamos sendo todos, senão victimas, joguêtes».

Vem a demonstrar-se, finalmente, que aquelle instinctivo impulso pró-neutralidade que sacudiu quase unanimemente, os povos arrastados no *maelstrom* sanguinario, foi e é alentado não só por um espirito de conservação humanissimo e prudente, como tambem por criterio de equidade e justiça distributiva. Com que os diplomatas enredadores ou os politicos velhacos não costumam contar, mas com a que se funde na linha historica da salvação das nacionalidades, e que cêdo ou tarde formula acusações terriveis contra os que a bel-prazer das suas conveniencias dispõem e abusam dos destinos dos povos. Esta guerra não é só a maior em fereza, em brutalidade; é tambem das mais injustificadas que atravessáram n'uma raia de sangue as paginas da historia do mundo! A data de 1914 será tão importante como a que assignala o fim das invasões barbaras, a quêda do imperio romano occidental, ou a Renascença, e não por qualquer razão de ordem theorica ou espiritual, senão porque apoz esta hecatombe, jamais será impossivel que nas chancellarias se entrettenham 6 ou 8 pessoas mais ou menos adornadas de talento e prespicacia habilidosa, a enpedar perigosissimas intrigas arruinadoras do pacifico trabalho progressivo dos povos. Esta guerra é o *dénouement* necessario d'um *systhema* de politica internacional, d'uma loucura que tinha de acabar loucamente, no phrenesi de um delirio. E' por isso e que eu a tenbo com um castigo providencial, e só como punição a julgo explicavel. Creio que a estas horas em Petrogrado como em Londres, em Paris, como em Berlim e em Roma, se pensa já em assignar a paz sobre os costados dos pequenos povos. Grande, immensa illusão! Esse crime não poderá perpetrar-se! O crime da Europa de 1914 foi precisamente esse: o esmagamento da Belgica, o da Servia e da Romenia, e sacrificio de Portugal, sacrificio e esmagamentos que origináram já uma espantosa corrente de opinião hostil á guerra actual, e que amanhã, dando força ás mil reclamações dos lares desertos, dos orphãos, das viuvvas, dos operarios, dos camponezes, vae com certeza produzir, a revolução que a Europa de 1914 reclama, para beneficio do mundo.

Veja-se como a ideia da paz empolga já hoje as chancellarias. A estas horas—quem sabe?—atravez do Vaticano, os inimigos iniciáram as primeiras conversações. Bento XV é o Romano Pontifice, mas é tambem um diplomáta sagacissimo que decerto não apresentaria as suas célebres propostas se acaso visse que as esperava rematado insuccesso. Politico argutissimo, a par de Pae cheio de amor elle sentiu o rumor vasto que envolvia o mundo no terceiro anno de guerra. Rumor de cansaço? Sem duvida, mas se elle fôra apenas o mobil da athmosphêra de paz que se acumula não bastaria para a impôr nos governos. Sob esse rumor palpita a alma de vinte séculos de christianismo, méscлада das revoltas que o poder da máchima gerou nas officinas. E o Papa ouviu. Chegava a hora. Fallou... e foi, é, e ha-de sêr ouvida!

De novo, o *homem vestido de branco* apparece, n'aquella prophética visào de Pio Nôno-martyr como o symbolo perfeito do bem estar humano. E parece resoar atravez das amoveis palavras que a sua mão trémula de comoção endereçou aos governos endurecidos a voz divina: *misereor super turbam!* voz desfeita em lágrimas de supplica, em esperanças alvoraçadas, como a das mães que a guerra enluctou, quando em sonhos, se lhes afigura que da mole dos tumulos a mèsse, doirada dos filhos recresce para ellas aos beijos, tão ardentes como os no dia em que o fogo da guerra a queimou inexoravel!...

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Marinha.

MEIO dia. Silencio. A nevoa dissipou-se em fumo e o sol, desembugado e quente, esplende e brilha na areia d'oiro. Em borbotões, espumante, leve, o mar, desenrola-se, desenrolla-se como um velho cançado de tanta paixão, de tão extranha faina. Boiam barcaças ao sabor das ondas e as gaiotas em bando, coalham de manchas negras o mar adormecido. Ao longe passam vapores, correndo a medo, na esteira branca das helices e o fumo, arquejando como um hausto quente dos pulmões das machinas, risca no ceu caprichosos traços d'incerteza. No porto, entre o ruido, entre o barulhar alegre da faina, canções e lamentos marulham inquietos como as ondas revoltas, agora que a nevoa lenta e gravemente volta embuçada e cruel. Um ar frio d'humidade gela e a terra preguiça na luz difusa e abatida d'esse crepusculo precoce. As casas escorrem humidas como se a humanidade chorasse, e longe businam avisos, soam sinistros os signaes para os barcos longinquos, que a neblina escondeu.

Badala um sino no monte o tom lugubre d'agonia... Alguem que se despede da vida, que vae para a jornada eterna—grito de morte e desespero, que echoa, se repercute e vae perder-se nas ondas, onde a morte espreita tambem... O mar remeche-se, rabuja, vae agitar-se emfim, como um valentão que tardasse a sahir na requesta: o velho Goliardo, tardou tambem, mas desvairou emfim, ulula, invade, cioso de repellir a affronta d'aquella neblina triste, que lhe escureceu a claridade diluida das aguas, que lhe ennegreceu a espuma macia das suas ondas. E o velho, cantador como tocado d'uma intima revolta, enovelou se n'um ronco infernal. A praia coalha-se de gente, que grita e resa. Mulheres embiocadas, sinistras, como carpideiras antigas, lamuriam, negras e desgrenhadas, a desdita dos que partiram, e ao lado os maritimos fortes, berrantes, nas suas pantalonas vermelhas, descobrem-se a cada ronquido do mar e resam tambem.

«*Sora da Abonança! Mãe nossa! Mãe filho! Oh home! Pae!* São as exclamações, os gritos d'aquella multidão, que soffre, que desespera e vae até á fimbria das ondas para que melhor a oiçam lá no mar. E' um monstro promiscuo de tragedia aquelle bando que chora, que se arrepela, que grita, n'aquella hora d'incerteza, esquecidas brigas e rixas velhas, a mesma dôr aplacando, unindo!... Vem descendo, entre dois homens, a estreita lingueta do caes, uma pobre velhota, Mexe-se mal, corcovada, tremula e quasi se deixa arrastar, sem energia, sem força. Apenas no olhar, que sahe do fundo de duas covas sinistras, scintilla um clarão, «Ah Mar! Ah! Mar!» — diz a pobre velha—olha é o meu neto! Não m'o leves, não m'o leves!... Uma mulher nova, forte, correu a abraçá-la n'um desespero; tambem o meu lá anda, tambem... e ficaram geladas, receando olhar-se, até que o mar n'um ronco sinistro estendeu um dos seus vagalhões e vasou na praia algumas taboas... Olha, é dos barcos, é dos barcos! gritaram todos, mas logo uma voz sobrelevou dizendo: «*são dos gallegos, estas*». E no portinho o som lugubre das buzinas continuou a avisar. Começou a chover, mas aquella gente não arredou pé e lá ficou rezando, rezando, sempre... n'um murmurio d'estertor que subia para o ceu, casando-se com a voz ameaçadora do mar. Guardas fiscaes passaram, erectos nos seus oleados, indifferentes, caminho da praia e um grupo de pescadores fazia archotes de palha, porque a noite já descia, dolorosa e cruel.

Toda aquella gente n'aquelle momento anceava da mesma dôr, erguia a mesma supplica, confiava no mesmo Deus e fazia bem à alma, apavorada com tanta desdita, batida de tanta anciedade, a fé resignada d'aquellas boas almas confiadas.

«*Sora d'Abonança! Sora da Abonança!*» E com aquelle grito que era toda uma oração, toda uma supplica, o affirmar sereno d'uma fé, o unico salva vidas, echoava no ceu, repercutia-se como uma benção e cada vez pronunciado, um clarão d'esperança scintillava em cada olhar, as proprias ondas, ouvindo o, vinham mais mansas desenrollar-se n'areia. Accenderam-se archotes, mas o mar começou de amainar e pouco depois, no portinho, entravam os primeiros barcos e aquella mesma multidão simples e soffredora que supplicára com fé, com fé tambem agradeceu:

«*Sora d'Abonança! Sora d'Abonança!*» Louvada sejaes.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.



TERMINAREI hoje a tradução do interessante capítulo da obrinha italiana: "A mesma particularidade—de versos em que todas as palavras começam pela letra C,—encontra-se num poemeto de 900 versos, de Martinho Antonio Ferner, fallecido em 1631. João Cecilio Frey, medico allemão que estabeleceu residencia em Paris, escreveu em honra de Gastão de Orleans uma ode latina em que todas as palavras começam por G, e uma ode a Maria de Medicis em que cada palavra começa por M.

O celebre escritor espanhol Lope de Vega escreveu cinco novelinhas, a primeira sem A, a segunda sem E, a terceira sem I, a quarta sem O, a quinta sem U.,

Um parenthesis: no *Almanach Bertrand*, para 1918, pag. 88, num bello artigo sobre *Anagrammas*, que faremos contribuinte destes serões, lê-se: "Alonso de Alcalá imprimiu sobre o assumpto, em Lisboa, no anno de 1654, na Officina Craesbequiana, um livro que intitulo: *Jardim Anagrammatico*."

Vi o livro ha annos, na Bibliotheca do Seminario Conciliar de Braga, Se o tecto da casa não desabar antes, irei ainda espoliar a obra em beneficio dos seroeiros. Por ora direi que me recordo de ter lido no prologo os satisfeitos periodos com que o homem se mostrava cioso de ter sido o *primeiro* que em Portugal fizera, como Lope de Vega, cinco novellas com uma vogal expungida de cada uma d'ellas. Signal de que no tempo de Alonso de Alcalá y Herrera houve *outros*... Alguem os conhece? Entrelembro-me de ter visto, ha annos, num jornal de Leiria, qualquer coisa neste genero... degenerado de litteratura. Continuemos:

"Em todas estas obras não é, de certo, a belleza dos conceitos o que mais se pode admirar; tanto assim que o actor Brunet ponde, com muito chiste perguntar a certo Rondelet, que costumava distinguir-se em taes exercicios no tempo de Napoleão I: «O sr. que supprime tão facilmente uma letra nas suas comedias, *pourriez-vous nous faire un vaudeville sans R (sans airs: sem arias) et une pièce sans C (sensée: sensata?)*» Calembugo intraduzivel mas muito velho e opportuno.

Infelizmente, semelhantes acrobatismos intellectuaes, que quasi sempre denotam apenas a pobreza de ideas de quem a elles se entrega, continuam a ter cultores. Um comediographo allemão, certo Windermann, porventura ignorando como atrair a attenção do publico sobre as suas producções, fez annunciar ha pouco nos jornaes de Berlim que acabou de escrever uma comedia em três actos, sem se servir da letra A. O nosso Thomaz Cannizzaro, que é aliáz um dos mais distintos poetas italianos da actualidade, e de certo o mais fecundo, quiz tambem experimentar-se nestes exercicios de clown da litteratura, e no seu ultimo volume de versos, *Quies* que é o trigesimo ou quadregesimo da sua producção poetica, com muitas outras poesias originaes e extravagantes, algumas d'ellas verdadeiramente formosas, deu-nos uma intitulada *Allitteração* que estive por instantes tentado a incluir ne capítulo da litteratura... sem sentido. (1) Compõe-se de versos em que se succedem por ordem todas as letras do alphabeto: (Não havendo em cada

IV Aventuras do alphabeto

verso senão palavras iniciadas com a letra respectiva), como:

Avido amore altezze ardite ascende,
buone, bianche beltà basta baciari;
crede così ciascun, così comprende
divine diletanze delibar.

Omito, por desenxabido, o resto. Avalie-se pela tradução da quadra supra: "O avido amor sobe a alturas atrevidas, basta beijar boas, brancas beldades; crê assim cada um, assim entende delibar divinos deleites."

Que se os leitores portuguezes absolutamente desejam *delibar o divino deleite* de um artificio semelhante, aqui lhes offereço um soneto do poeta espanhol Quevedo, com a orthographia do tempo, soneto que o poeta se confinou na primeira letra do alphabeto:

Antes alegre andava, aora apenas
Alcanço alivio, ardiendo aprisionado;
Armas a Artandra aumento acobardado,
Ayre abraço, agua aprieto, aplico arenas.

Aspid adormida a las almenas
Ascuas acerco, atrevimiento alado,
Alabanças acuerdo al aclamado
Aspecto, aquien, admira antiga Athenas.

Aora amenazandome atrevido
Amor, aprieta aprissa, arcos, aljava,
Aguardo al arrogante agradecido;

Apunto ayrado, alfim amando acava
Aqueste amante al arbol alto asido,
Adonde alegre ardiendo antes amaba.

A quanto podia descer o capricho de um poeta alias distinto! Confesso que do soneto citado não consegui desprender um sentido claro!

O famoso Merlim Cocayo—de quem algum dia falaremos, tratando de versos em latim macarronico, em que foi mestre—na *Zanitonella*, foi mais moderado. As estrophes saphicas da sua poesia compõem-se de versos cujas primeiras palavras começam por A na primeira, B na segunda etc. — e tudo em latim macarronico, para cumulo. Exemplo:

Ayme quo dulcis properas Zanina?
Ayme cur schenam traditura voltas?
Ayme sta mecum precor, hunc et bellum
Accipe pomum.

Barbaros vincis feritate moros,
Bistones, Turcos, Sguiceros, Tudescos,
Bestias omnes, animas Diaboli,
Beelzebudes.

"Ai de mim, para onde foges, doce Zanina, ai de mim, porque me voltas as costas, traidora, etc.

Voltaremos ao escritorio donde extrai esta perola e a de Quevedo. Acaba assim o capítulo do meu confrade italiano: "Ainda mais recentemente um desocupado mandou ao *Petit Journal*, de Paris, um longo artigo de trez columnas em que não havia a letra A. Pouco depois o mesmo jornal recebeu e publicou outro artigo em que o auctor supprimiu nada menos do que o verbo (1). Tanto é verdade, que nada é indispensavel neste mundo!"

A não serem estes serões, para conciliar um somno restaurador—sem agravo á Republica!

(1) Um dos mais curiosos do curioso repositorie italiano.

(1) Leu-o frey Gil numa selecta escolar usada na Belgica.

MISSÃO
 ESCOLAR
 EM RIO COVO,
 BARCELLOS

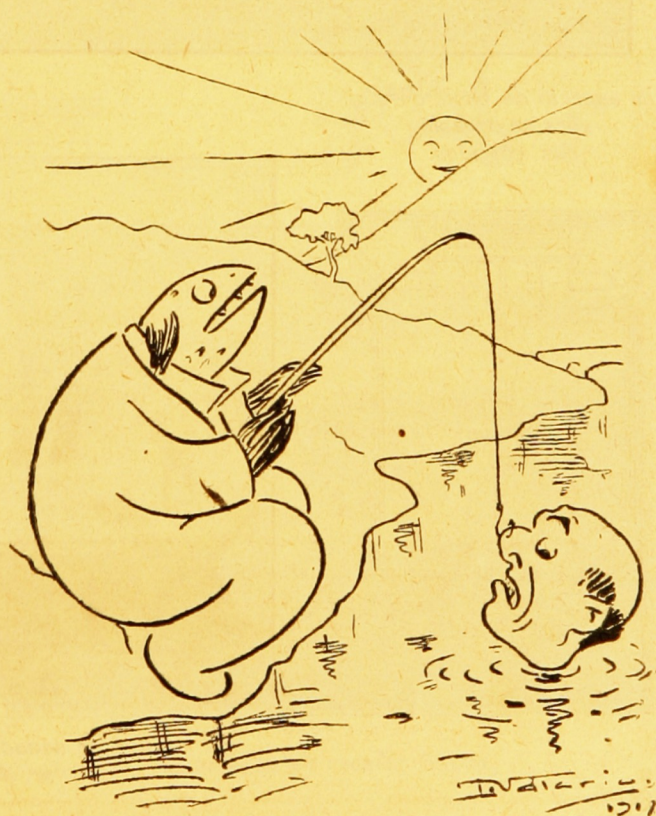


Grupo de povo que que accorreu
 à festa de encerramento



Cavalheiros que foram de Barcellos à festa escolar

Na freguezia de Santa Eulalia de Rio Covo, Barcellos, terminou com uma festa de destaque, a missão escolar — volante —, entregue á proficiencia de uma distincta professora. Os grupos mostram a concorrencia de povo do logar e pessoas da villa que foram de proposito tomar parte no encerramento da Escola, animando com palavras entusiasticas ao edificante missão, que tão bellos resultados colheu.

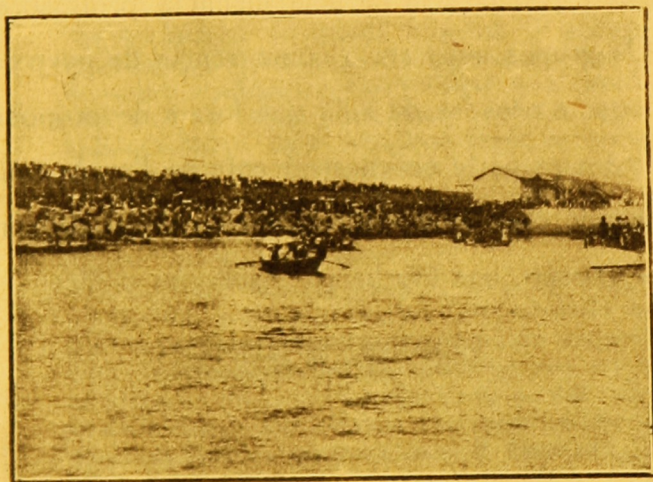


SCENAS DO FUTURO
 A PESCA
 por J. Valecio.

FESTA NAUTICA EM LEIXÕES



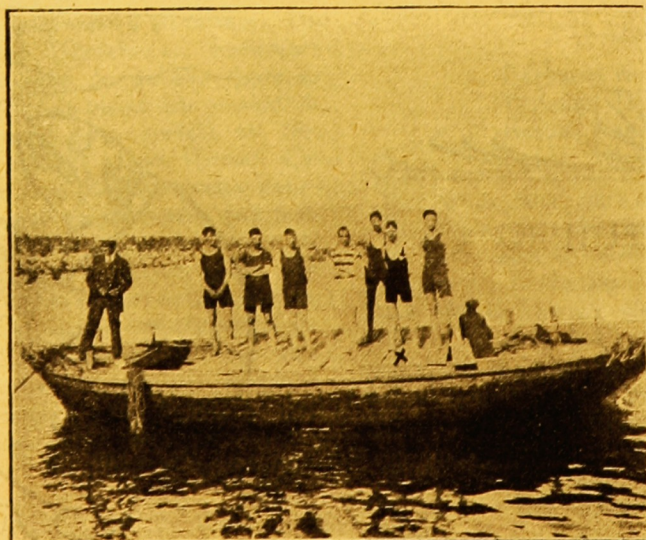
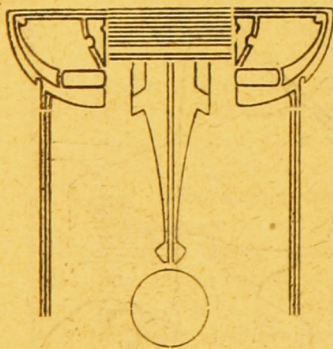
Lancha do Jury



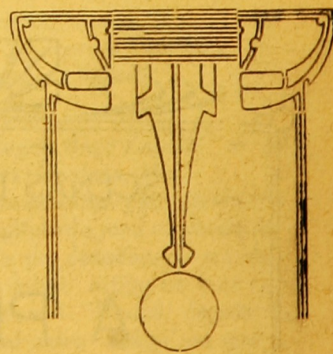
Um aspecto da bacia de Leixões na ocasião das corridas.

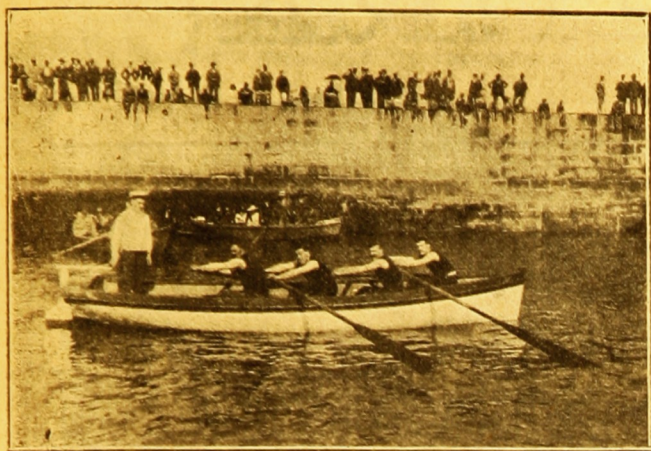


Os dois concorrentes que tomaram parte na corrida de canoas

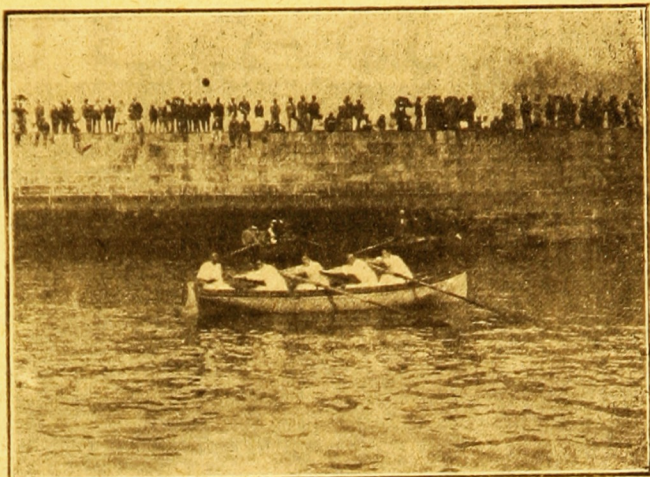


Grupo de nadadores com o vencedor (X) sr. José Mesquita





Tripulação vencedora do escalér «Nilo»



Tripulação do escalér «Nautilus»

SONETO DO PRESENTE

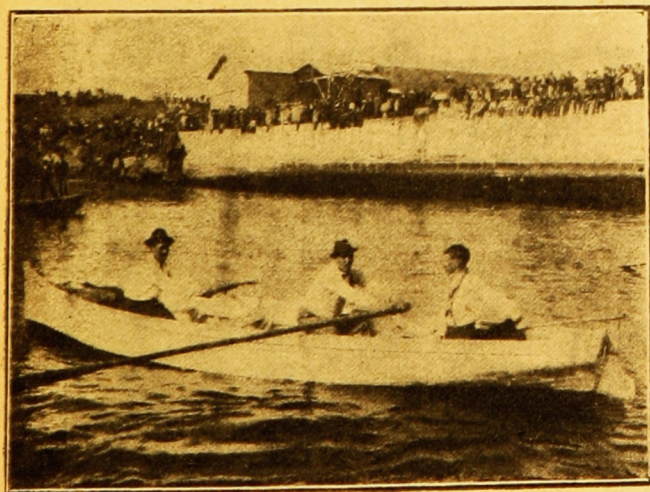
Anda na guerra o teu amor, coitada!
 E a guerra entrou na tua casa assim;
 Foi cruel para ti essa alvorada,
 Foi sinistro o vibrar d'esse clarim.

Sem elle a tua vida não é nada.
 Era o teu braço, a tua vida, emfim.
 Doze annos felizes de casada
 Mereciam melhor sorte, melhor fim.

E na guerra, ralado de lembranças,
 Só pensa em ti, nas terras, nas creanças,
 Nas canseiras dos vinhas e dos milhos.

Pois tens razão para dizer: Tambem
 Se a Patria para nós é nossa mãe,
 Os filhos, afinal, sempre são filhos!

1917. José de Faria Machado.



Tripulação vencedora de escaleres a dois remos. Phots. J. Azevedo

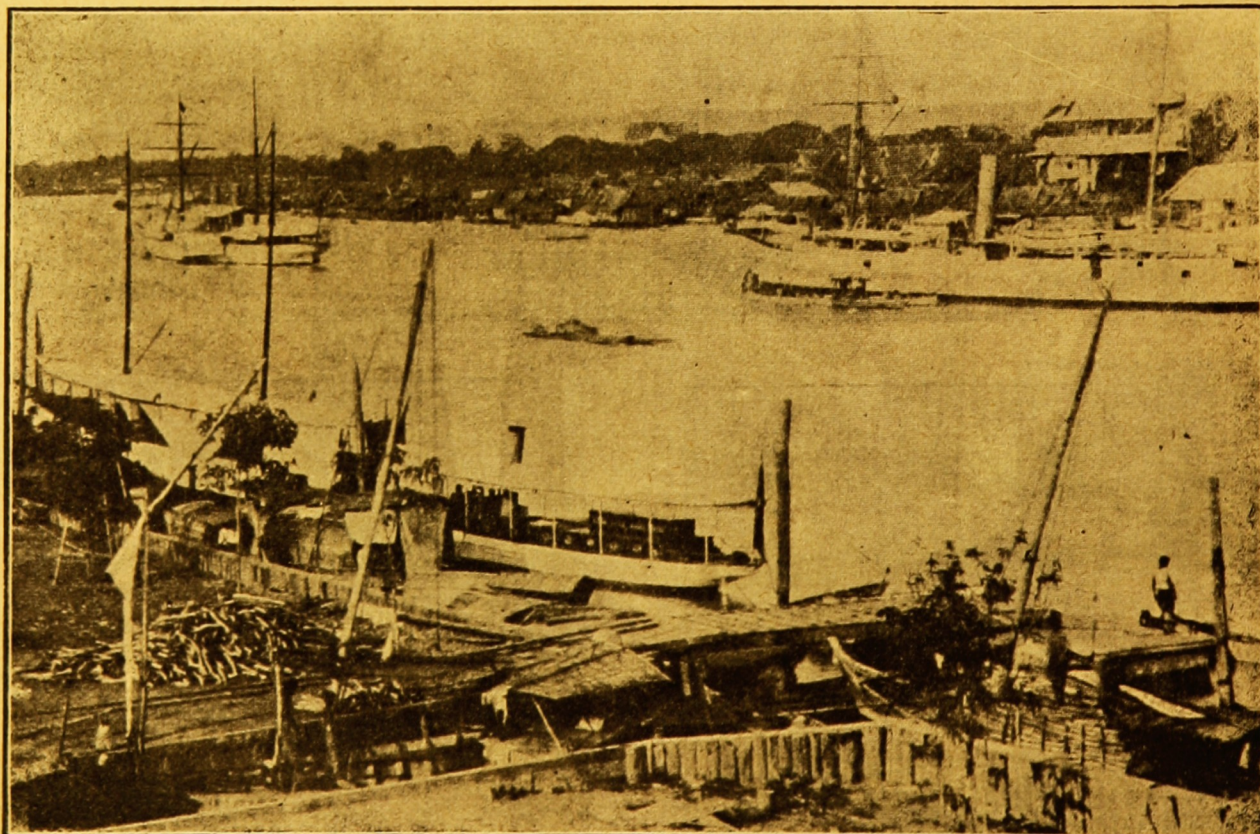


Tripulação do escalér «Rosa»

DA GUERRA



Uma secção volante de telephoni no acampo de batalha



Barcos da marinha siamesa, na ria de Bangkok, capital do Sião, actualmente em guerra contra a Allemanha



Crispim Soares Gomes, tenente de infantaria 8.



1.º Antonio Talaia Motta. 2.º Luiz Antunes Ferraz Mattos, 3.º Joel Martins da Silva, 4.º Manuel da Silva Pinto. 5.º Daniel da Costa Ferreira. 6.º João da Costa Fernandes.



Os Estados-Maiores britânico e portuguez com o general + Tamagnini, e sir Douglas Haig, em continencia á passagem de tropas portuguezas

Ultima phase do conflicto mundial

POR MANUEL SEMBLANO

A campanha submarina

PREDEM-ME com urgencia artigos sobre guerra. Declaro desde já, peremptoriamente, que os não sei escrever. Mantem-me recortes dos discursos de Lloyd George e de Ribot, que dizem ter uma cega confiança na victoria dos aliados.

Será verdadeira a afirmação de que a campanha submarina falliu vergonhosamente?

Abro dois jornaes, um francês, outro inglês: *L'Éclair*, o grande diário parisiense, de 27 de Maio, e *Daily Mail*, o esplendido quotidiano de Lord Northclif, de 2 de agosto. Agora estou habilitado a responder.

A camara franceza de 26 de Maio estêv muito agitada. Houve nada menos de quatro interpelações. Os deputados Brousse, Broussais, André Hesse e Villeboisnet interrogam successivamente o governo.

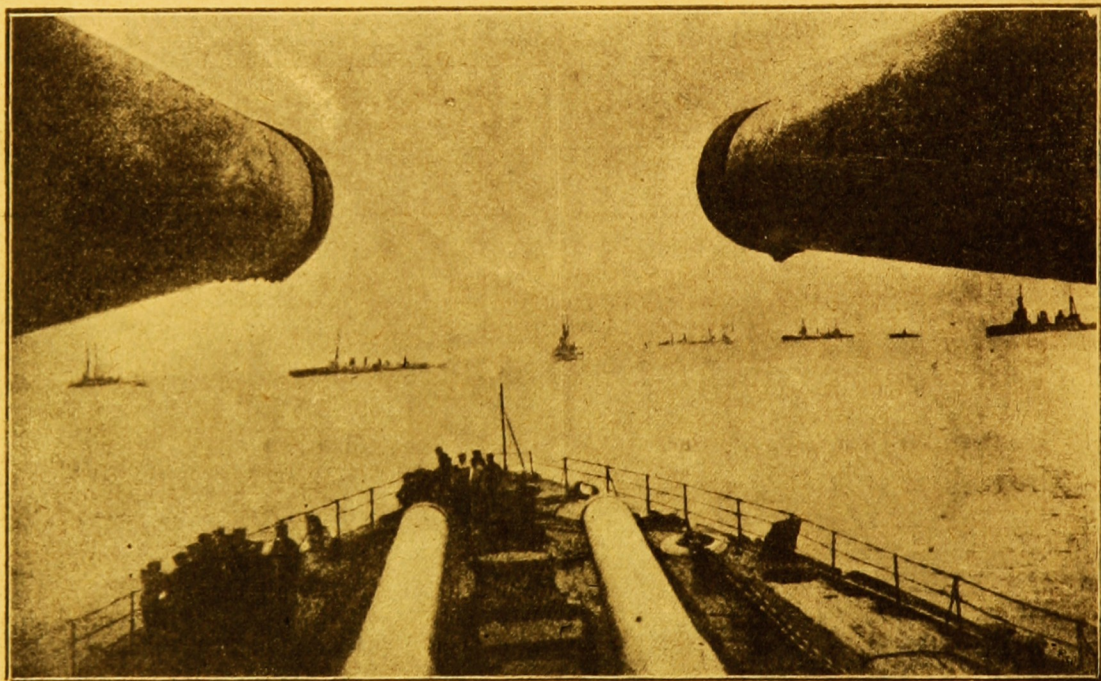
O 1.º afirma com o silencio de camara: *Ha uma organização importantissima, desde Cerbère até Alicante (na Hespanha) e todos os habitantes participam della. Os submarinos torpedeiam a menos de 300 metros de terra.*

Villeboisnet reclama que a esquadra francesa que se encontra em Salamina venha proteger os mares de França.

André Hesse cita estes factos:

Fizeram-se mais de 12 torpedeamentos durante três horas em frente de La Palice, sem que viesse algum soccorro. Na noite de 30 de abril succederam-se varios torpedeamentos deante de La Rochelle, desde a meia-noite às 3 da madrugada. Toda a gente ouviu o canhoneio. Nenhum auxilio, nem mesmo para receber as victimas.

Houve 9 mortos; ha 35 orphãos. O tempo estava clarissimo...



Algumas unidades da esquadra que defende a Inglaterra

A 3 de maio ultimo, tres navios costeiros foram mettidos ao fundo deante da ilha de Yen. Só havia um barco em serviço de patrulha.

O deputado Pacand interrompe o orador, expondo o seguinte caso:

Ha dois mezes um carvoeiro inglês foi apanhado por um submarino, nas costas da Vendéia. E viu-se este espectáculo: durante 3 horas o submarino conservou-se à tona d'agua. Disparou 77 projecteis.

A população assistiu a este drama. Nenhum navio de patrulha veio em seu soccorro...

(Exclamações).

André Hesse para terminar diz: *ha verdadeiros campos de minas em frente dos nossos portos e deante do estuário de Gironda, recentemente, um submarino allemão reabasteceu-se de petroleo por meio de barris...*

Isto affirmou-se em sessão publica. Nas sessões secretas deve se ter dito muito mais. Não foi outro o motivo porque se dimittiram recentemente o almirante Lacaze, ministro da marinha, e o academico Denis Cochin, ministro do bloqueio.

Lastimo que a falta de espaço não me permita reproduzir o graphico do *Daily Mail*, sobre as perdas semanaes dos navios ingleses, desde 26 de janeiro a 29 de julho. Basta saber se que durante esses cinco mezes foram afundados seiscentos e desanove. A tonelagem exacta ignora se. A uma pergunta do Commandante

Bellairs na Camara dos Communs, nesse sentido, mr. Bonar Law recusou-se responder. Mas o almirantado allemão falla em *cinco milhões e cem mil toneladas*. O *Daly Mail* inclina-se a acreditar na exactidão desses numeros.

Desconhe-se igualmente o valor dos navios damnificados. Mas sabe-se que é indispensavel o prazo de 6 mezes para soffrerem todos os reparos nas docas.

Não ha estatisticas completas das perdas de barcos neutraes — holandezes, hespanhoes, noruegueses, etc. — mas diz-se que são enormes.

Ora o deslocamento *total* das marinhas alliadas e neutraes, segundo Lord Bercsford, não vae além de *23 milhões de toneladas*.

Creio portanto não exaggerar affirmando que, no fim d'este anno de 1917, os submarinos allemães e austriacos terão feito desaparecer *metade* das marinhas mercantes, alliadas e neutraes. . .

Haverá algum remedio efficoz para combater os *piratas*? Parece que sim. A reconstrucção da esquadra. Mas é um trabalho excessivamente moroso. Os dados officiaes do *Glasgow Herald* mostram-nos que os esteleiros navaes da Grã-Bretanha, apesar de toda a sua bôa-vontade, não puderam refazer, durante o anno passado de 1916, mais de 580.000 toneladas.

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

XXXI.—Interpretação (Criterios, personificação, etc.)

VIMOS as causas que podem tornar difficil a interpretação de uma obra de arte, vamos agora a fixar os criterios que hão de dirigir o estudioso n'essa tarefa.

Advirta-se que se deve escolher a interpretação que for mais obvia, por ter maiores probabilidades de ser a verdadeira. Com effeito o que o artista deseja é patentear ao publico, que admira as suas obras, a ideia que quiz exprimir na composição. É pois natural que tenha escolhido a maneira mais obvia por ser a mais intelligivel do espectador. É note-se que esta facilidade se deve entender, relativamente á que era mais propria do tempo e da sociedade a que a obra era destinada. Assim por exemplo os symbolos que abundam nos primeiros seculos da arte christã, apesar da difficuldade que apresentam para nós, eram muito claros e obvios para os fieis d'esses tempos. Deve portanto o critico de arte estudar cuidadosamente a mentalidade da sociedade e epocha a que pertence a composição que vae interpretar.

Os criterios da hermeneutica da arte podem-se dividir, segundo o P. Grossi Gondi (*Sulle soglie dell'arte*, pag. 157) em extrinsecos e intrinsecos. A estes pertencem as figuras, as suas attitudes, o seu numero, os trajes que ostentam, os ornatos, o mobiliario, o fundo do quadro, etc., etc. Com effeito basta muitas vezes um só d'esses signaes para se marcar logo o assumpto d'um quadro, uma vez que se conhece a epocha a que pertence.

Entre os criterios externos é de summo valor o confronto com outras composições analogas já conhecidas. Por este processo pôde o meu sempre lembrado professor o Dr. Strigowski, da Universidade de Vienna de Austria, fazer grande luz sobre obscuros problemas da origem da arte byzantina. Mas esta confrontação, para ter valor, deve ser feita com obras de Arte da mesma epocha e do mesmo genero. Para o nosso



A oração da innocencia.—(Estatua de Dampit).

caso: pinturas christãs devem ser comparadas com outras pinturas christãs da mesma epocha; seria sujeita a erros grosseiros a confrontação de uma pintura com os baixos relevos dos sarcofagos, por exemplo.

Outro criterio extrinseco de bastante importancia é saber o logar a que era destinada a obra de arte. Por que são mais ou menos conhecidos os assumptos usados nas varias epochas para determinados sitios. Sabe-se por exemplo a lei que presidia á ornamentação interna e externa das basilicas christãs latinas., gothicas, lombardas etc., etc., sabe-se que as pinturas das catacumbas eram inspiradas nas orações que se faziam pelos defunctos, etc., etc.

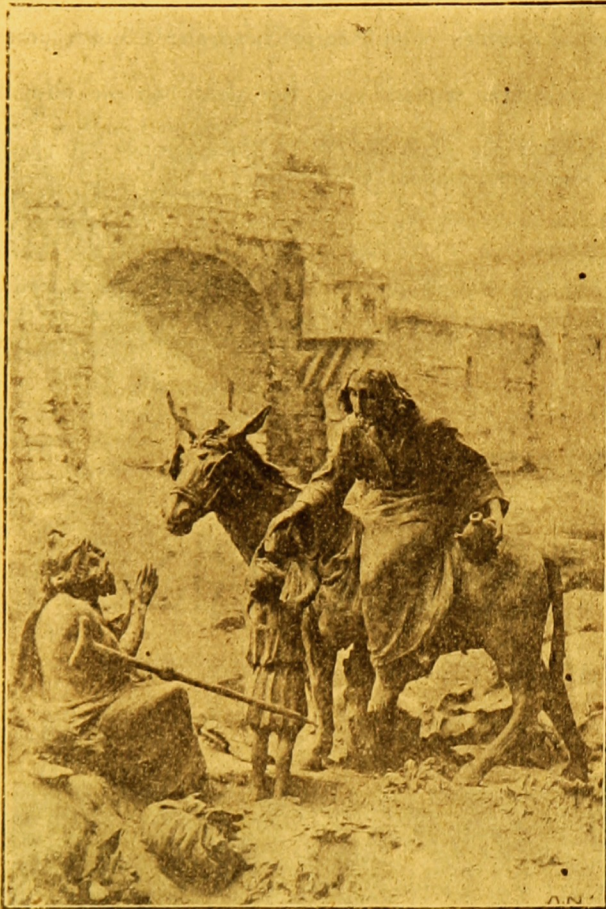
Quando a obra é fragmentaria então todo o talento do critico é pouco para reconstituir com verdade a scena inteira, Ajuda muito a esse trabalho o conhecimento dos chamados tipos iconograficos dos diversos periodos.

Assim; o tipo de Christo que nos primeiros seculos era imberbe começa a apresentar-se no periodo byzantino o rosto de idade mais avançada e com longas barbas. Os vestidos d'essa epocha são tambem diversos do periodo classico; egualmente característica é a attitude e o gesto.

O que as figuras fazem na linguagem fallada, fazem as personificações no arte. Representam ellas sob forma humana seres espirituaes ou ideias abstractas ou mesmo seres inanimados.—As nossas duas illustrações são bellos exemplos de personificação.

Na segunda procura-se exprimir a ideia da Caridade, pela parabola evangelica do bom samaritano, modificada ligeiramente pelo artista. A primeira que representa uma bellissima estatua de Damp, do museu de Luxembourg, personifica a oração da innocencia, na encantadora creança, que, de mãos postas, com o maior recolhimento, eleva a Deus as suas candidas preces.

São duas obras modernas que bem mostram os progressos feitos actualmente na expressão da ideia, toda a vez que presidir a ella um criterio correcto,



Personificação da Caridade

Agnus.

Ao bandolim do coração

V

Não sabes que fito com ternura,
Que passo longas horas embebido
E'um lisongeiro sonho de ventura
Que ha tanto espero e sempre me ha iludido!

Não sabes que suspiro se te vejo,
Que ainda mais suspiro não te vendo!
Ignoras este amor, este desejo,
Que me anda consumindo e remordendo!

E ao ver-me descorado, mudo, triste,
Perguntas: Que tens tu, doido poeta?—
Quando, afinal, em ti sómente exist'e
A causa da tristeza que me inquieta!

Joavelino.

Uma flôr...

(Em paga do)

A D. A. de N. o M.

Espinhos, se ella os tinha eu não quiz ve-los:
Tanto, tanto que apenas tua mão
M'a dera—eu a prendi com mil desvellos
No peito, bem vizinha ao coração...

Segredos que ella ouviu, só Deus os sabe!
Preces, talvez... talvez muito gemido...
Loucuras de poeta; sonhos de ave
Que vóa, céos alem, Norte perdido...

.....
.....

Depois, horas perdidas, osculei-a
—É morreu-me nos labios, ao beijal-a,
Puz-lhe um caixão de renda—e embalsamei-a
Nos versos que aqui vês... Vae enterral-a.

Teixeira Pinto.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grêves, tumultos e roubos. segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião 19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot.º-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoá de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto, 105-1.º — BRAGA

Paramentaria, Sirgaria e Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echosdo Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA